

# Centenas de docentes admitem sair dos quadros e abandonar ensino

Professores que vincularam este ano vão ser obrigados a concorrer para o país inteiro. Grupo de WhatsApp já tem mais de 900 membros

Alexandra Inácio  
alexandra.inacio@jn.pt

**CONCURSO** Já são mais de 900 os professores que aderiram a um grupo de WhatsApp com uma vontade comum: admitem desvincular-se dos quadros e até abandonar o ensino se, no próximo ano letivo, ficarem colocados a muitos quilómetros de casa. São docentes que entraram nos quadros, este ano, pela vinculação dinâmica que prevê a obrigatoriedade de concorrerem para o país inteiro.

As regras estavam definidas desde o lançamento do concurso e cerca de 25% das vagas abertas não foram preenchidas por falta de candidatos. Ainda assim, defende Cristina Mota, "foi uma ratoeira".

"O número de lugares lançados indicava que todos teriam lugar nos quadros de zona onde estavam colocados mas isso já não se verificou em agosto, na mobilidade interna, em que houve muitos que só tiveram horários nas reservas. Ou seja, as vagas eram fictícias", critica a dirigente do movimento Escola Pública.

Marta Ribeiro dá aulas há 18 anos. Foi uma das cerca de 8500 que entraram nos quadros e, agora, aderiu ao grupo. É professora de Inglês, dá aulas em Lousada, tem 40 anos e duas filhas, de 9 e 4 anos. O seu maior receio é no próximo ano ficar colocada em Lisboa ou no Algarve. "É o que está no horizonte. Somos obrigados a concorrer para todo o país mas ao fim de 18 anos tive de decidir entre continuar na incerteza se em setembro tenho ou não um contrato com horário completo ou arriscar para conseguir alguma estabilidade. Vou pagar para ver", explica. O grupo pretende alertar os partidos para que a al-



Professores mostraram, durante 2023, todo o seu descontentamento

teração das regras sejam uma prioridade após as eleições.

#### MAIS ALUNOS SEM AULAS

Tal como Marta, Cristiana Oliveira, fundadora do grupo, também admite desvincular-se dos quadros. Dá aulas há 18 anos de Inglês. É do Norte mas há anos vive no Algarve e por lá quer ficar. "Como contratada consigo uma vaga até dez quilómetros de casa", assegura. Por isso, se no próximo ano ficar colocada no Alentejo ou Lisboa, prefere voltar aos contratos ou até mudar de profissão. É que, garantem as duas, depois muito dificilmente voltam a aproximar-se de casa. "Já não somos só nós mas a família inteira que passa a andar com a casa às costas", alerta.

Cristina Mota defende que a sanção que impede a quem se desvincular a concorrer ao concurso nacional deve ser levantada. Nas negociações, os sindicatos alertaram para o risco de desistências. Pedro Barreiros, líder da FNE, considera que devido

às legislativas não há tempo para se alterar as regras antes das colocações.

"Se cerca de mil ou dois mil desvincularem e ficarem impedidos de celebrar contratos muitos mais milhares de alunos ficarão sem aulas", alerta. As vagas tinham de ser abertas nos quadros de zona onde os docentes estavam. O problema, explica, é que os 20 mil lugares de quadro de escola que o Governo anuncia "não são novas vagas mas a transposição dos QZP" para onde serão precisos. As desistências vão somar-se às aposentações e a falta de professores "vai piorar".

Mário Nogueira recorda que a obrigatoriedade de se concorrer para todo o país foi um dos motivos que impediu um acordo. "Pode acontecer a alguns ficarem muito longe e será preciso criar condições para que se aproximem", defende o líder da Fenprof. O JN interpelou o ME sobre a despenalização das sanções mas não recebeu resposta. ●



## 8552

docentes entraram nos quadros através da norma-travão e da vinculação dinâmica. Só neste concurso foram abertas 8223 vagas e candidataram-se 6159 professores.

## 87,9%

dos docentes que responderam a um inquérito, promovido pelos professores Lígia Violas e Pedro Galçada, disseram discordar das regras da vinculação dinâmica.

CGA

#### Reinscrições suspensas

A Fenprof acusa o Governo de pretender alterar a lei para impedir a reinscrição na Caixa Geral de Aposentações. Um "mecanismo maquiavélico, digno de uma ditadura", critica a Federação.